

CATEQUESES DO PAPA FRANCISCOS SOBRE A IGREJA

Quarta-feira, 18 de Junho de 2014

Queridos irmãos e irmãs, bom dia! E parabéns, porque sois corajosos com este tempo, pois não se sabe se chove ou não... Parabéns! Esperemos terminar a audiência sem chuva, que o Senhor tenha piedade de nós!

Hoje começo um ciclo de catequeses sobre a Igreja. É um pouco como um filho que fala da sua mãe, da própria família. Falar da Igreja significa falar da nossa mãe, da nossa família. Com efeito, a Igreja não é uma instituição destinada a si mesma, nem uma associação particular, uma ONG, e também não deve limitar o seu olhar ao clero ou ao Vaticano... «A Igreja pensa...». A Igreja somos todos nós! «De quem falas?». «Não dos sacerdotes...». Ah, os sacerdotes fazem parte da Igreja, mas a Igreja somos todos nós! Não a limitemos aos presbíteros e bispos, ao Vaticano... Eles fazem parte da Igreja, mas a Igreja somos todos nós, todos família, todos da mãe. E a Igreja é uma realidade muito mais vasta, que se abre a toda a humanidade e não nasce num laboratório; a Igreja não nasceu no laboratório, não nasceu repentinamente. É fundada por Jesus, mas constitui um povo com uma longa história atrás de si e uma preparação que começa muito antes do próprio Cristo.

Esta história, ou «pré-história» da Igreja já se encontra nas páginas do Antigo Testamento. Ouvimos no Livro do Génesis: Deus escolheu *Abraão*, nosso pai na fé, e pediu-lhe que partisse, que deixasse a sua pátria terrena e fosse para uma outra terra, que Ele lhe teria indicado (cf. *Gn 12, 1-9*). E nesta vocação Deus não chama Abraão sozinho, como indivíduo, mas inclui desde o início a sua família, a sua parentela e todos os que estão ao serviço da sua casa. Uma vez a caminho — sim, assim a Igreja começa a caminhar — Deus ampliará ainda mais o horizonte e cumulará Abraão de bênçãos, prometendo-lhe uma descendência tão numerosa como as estrelas do céu e a areia à beira-mar. O primeiro dado importante é este: começando por Abraão, *Deus forma um povo para que leve a sua bênção a todas as famílias da terra*. E deste povo nasce Jesus. É Deus que faz este povo, esta história, a Igreja a caminho, e neste povo nasce Jesus.

Um segundo elemento: não é Abraão que constitui um povo ao seu redor, mas é Deus que dá vida a este povo. Em geral era o homem que se dirigia à divindade, procurando anular a distância e invocando apoio e tutela. As pessoas rezavam aos deuses, às divindades. Mas neste caso assiste-se a algo inaudito: *é o próprio Deus que toma a iniciativa*. Ouçamos isto: é o próprio Deus que bate à porta de Abraão, dizendo-lhe: vai em frente, deixa a tua terra, começa a caminhar e de ti farei um grande povo. Este é o início da Igreja e neste povo nasce Jesus. Deus toma a iniciativa e dirige a sua palavra ao homem, criando um vínculo e uma relação nova com ele. «Mas padre, como é possível? Deus fala-nos?». «Sim». «E nós podemos falar com Deus?». «Sim». «Podemos manter um diálogo com Deus?». «Sim!». Isto chama-se oração, mas foi Deus que começou. Assim Deus forma um povo com todos os que ouvem a sua Palavra pondo-se a caminho, confiando nele. Esta é a única condição: confiar em Deus. Se confiares em Deus, se O ouvires e te puseres a caminho, isto quer dizer fazer Igreja. O amor de Deus *precede* tudo. Deus é sempre o primeiro, chega antes de nós, precede-nos. O profeta Isaías, ou Jeremias, não me recordo bem, dizia que Deus é como a flor da amendoeira, porque é a primeira árvore que floresce na primavera. Para dizer que Deus floresce sempre antes de nós. Quando chegamos Ele espera por nós, chama-nos, faz-nos caminhar. Sempre nos antecipa. E isto chama-se amor, porque Deus nos espera sempre. «Mas padre, não acredito nisto, pois se o senhor soubesse, padre, a minha vida não foi muito boa, como posso pensar que Deus espera por mim?». «Deus espera-te. E se foste um grande pecador, espera-te ainda mais e espera-te com muito amor,

porque Ele é o primeiro. Esta é a beleza da Igreja, que nos leva a este Deus que nos espera! Precede Abraão e precede até Adão.

Abraão e os seus ouvem o apelo de Deus e põem-se a caminho, embora não saibam bem quem é este Deus e para onde os quer conduzir. É verdade, porque Abraão se põe a caminho, confiando neste Deus que lhe falou, mas não dispunha de um livro de teologia para estudar quem era aquele Deus. Confia, fia-se do amor. Deus faz-lhe sentir o amor e ele fia-se. Mas isto não significa que aquele povo seja sempre convicto e fiel. Desde o início existem resistências, o fechamento em si mesmos, nos próprios interesses, e a tentação de negociar com Deus e resolver tudo à própria maneira. E estas são as traições e os pecados que marcam o caminho do povo ao longo de toda a história da salvação, que é a *história da fidelidade de Deus e da infidelidade do povo*. Mas Deus não se cansa, Deus tem *paciência*, muita paciência, e no tempo continua a educar e a formar o seu povo como um pai com o seu filho. Diz o profeta Oseias: «Caminhei contigo e ensinei-te a caminhar, como um pai ensina o seu filho». Como é bonita esta imagem de Deus! Também conosco é assim: Ele ensina-nos a caminhar. É a mesma atitude que Ele mantém em relação à Igreja. Assim também nós, apesar do nosso propósito de seguir o Senhor Jesus, vivemos cada dia a experiência do egoísmo e da dureza do nosso coração. Mas quando nos reconhecemos pecadores, Deus enche-nos de misericórdia e amor. E perdoa-nos sempre. É precisamente isto que nos faz crescer como povo de Deus, como Igreja: não é a nossa bondade, não são os nossos méritos — somos pequeninos, não é isto — mas é a experiência diária de que o Senhor nos ama e cuida de nós. É isto que nos faz sentir verdadeiramente seus, nas suas mãos, levando-nos a crescer na comunhão com Ele e entre nós. Ser Igreja é sentir-se nas mãos de Deus, que é Pai e nos ama, acaricia, espera e faz sentir a sua ternura. E isto é muito bonito!

Caros amigos, eis o desígnio de Deus; quando chamou Abraão, pensava nisto: formar um povo abençoado pelo seu amor, para levar a sua bênção a todos os povos da terra. Este plano não muda, está sempre em acção. Em Cristo teve o seu cumprimento e ainda hoje Deus continua a realizá-lo na Igreja. Então peçamos a graça de permanecer fiéis ao seguimento do Senhor Jesus e à escuta da sua Palavra, cada dia prontos para partir, como Abraão, rumo à terra de Deus e do homem, a nossa verdadeira pátria, tornando-nos assim bênção, sinal do amor de Deus por todos os seus filhos. Gosto de pensar que um sinónimo, outro nome que nós cristãos podemos ter, seria: somos homens e mulheres, pessoas que bendizem. Com a sua vida, o cristão deve bendizer sempre, bendizer Deus e todos. Nós cristãos somos pessoas que bendizem, que sabem bendizer. Trata-se de uma bonita vocação!

Quarta-feira, 25 de Junho de 2014

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje há outro grupo de peregrinos unidos a nós na Sala Paulo VI: trata-se dos peregrinos enfermos, pois com este tempo, entre o calor e a possibilidade de chuva, era mais prudente que eles permanecessem ali. Contudo, estão ligados a nós através de uma tela gigante. E assim estamos unidos na mesma audiência. E hoje todos nós rezaremos especialmente por eles, pelas suas enfermidades. Obrigado!

Na primeira catequese sobre a Igreja, na quarta-feira passada, começamos a partir da iniciativa de Deus, o qual quer formar um povo que leve a sua Bênção a todos os povos da terra. Começa com Abraão e depois, com muita paciência — e Deus tem muita paciência! — prepara este povo na Antiga Aliança até o constituir em Jesus Cristo como sinal e instrumento da união dos homens com Deus e entre si (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. Lumen gentium, 1). Hoje, desejamos meditar sobre a importância, para o cristão de pertencer a este povo. Falaremos sobre a pertença à Igreja.

Não vivemos isolados e não somos cristãos a título individual, cada qual por sua própria conta, não, a nossa identidade cristã é pertença! Somos cristãos porque pertencemos à Igreja. É como um sobrenome: se o nome é «sou cristão», o sobrenome é «pertenço à Igreja». É muito bom observar que esta pertença se exprime também no nome que Deus atribui a Si mesmo. Com efeito, respondendo a Moisés, no maravilhoso episódio da «sarça ardente» (cf. Êx 3, 15), Ele define-se a Si mesmo como o Deus dos pais. Não diz: Eu sou o Todo-Poderoso..., não: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob. Deste modo, Ele manifesta-se como o Deus que fez uma aliança com os nossos pais e permanece sempre fiel ao seu pacto, chamando-nos a entrar nesta relação que nos precede. Esta relação de Deus com o seu povo precede-nos a todos, desde aquela época.

Em tal sentido o pensamento dirige-se, em primeiro lugar, com gratidão àqueles que nos precederam e que nos acolheram na Igreja. Ninguém se torna cristão por si só! É claro isto? Ninguém se torna cristão por si só! Os cristãos não se fazem no laboratório. O cristão faz parte de um povo que vem de longe. O cristão pertence a um povo que se chama Igreja, e é esta Igreja que o faz cristão, no dia do Baptismo e depois no percurso da catequese, e assim por diante. Mas ninguém se torna cristão por si só! Se cremos, se sabemos rezar, se conhecemos o Senhor, se podemos ouvir a sua Palavra, se O sentimos próximo de nós e se O reconhecemos nos irmãos, é porque outros, antes de nós, viveram a fé e porque depois no-la transmitiram. Nós recebemos a fé dos nossos pais, dos nossos antepassados; foram eles que no-la ensinaram. Se pensarmos bem, quem sabe quantos rostos de entes queridos passam diante dos nossos olhos neste momento! Pode ser o rosto dos nossos pais que pediram o Baptismo para nós; o dos nossos avós ou de algum familiar que nos ensinou a fazer o sinal da cruz e a recitar as primeiras orações. Recordo-me sempre do rosto da religiosa que me ensinou o catecismo, vem sempre ao meu pensamento — indubitavelmente, ela está no Céu, porque é uma mulher santa — mas eu recordo-me sempre dela e dou graças a Deus por esta religiosa. Ou então o rosto do pároco, de outro sacerdote, ou de uma religiosa, de um catequista, que nos transmitiu o conteúdo da fé e nos fez crescer como cristãos... Eis, esta é a Igreja: uma grande família na qual somos acolhidos e aprendemos a viver como crentes e discípulos do Senhor Jesus.

Podemos percorrer este caminho não apenas graças a outras pessoas, mas juntamente com outras pessoas. Na Igreja não existe «personalizações», não existem «jogadores livres». Quantas vezes o Papa Bento descreveu a Igreja como um «nós» eclesial! Às vezes ouvimos alguém dizer: «Eu creio em Deus, creio em Jesus, mas não me interessa pela Igreja...». Quantas vezes ouvimos isto? Assim não funciona. Alguns pensam que podem manter uma relação pessoal, directa, imediata com Jesus Cristo, fora da comunhão e da mediação da Igreja. São tentações perigosas e prejudiciais. Como dizia o grande Paulo VI, trata-se de dicotomias absurdas. É verdade que caminhar juntos é algo exigente, e por vezes pode ser cansativo: pode acontecer que algum irmão ou irmã nos cause problemas, ou provoque escândalos... Mas o Senhor confiou a sua mensagem de salvação a pessoas humanas, a todos nós, a testemunhas; e é nos nossos irmãos e nas nossas irmãs, com os seus dotes e os seus limites, que vem ao nosso encontro e se deixa reconhecer. É isto que significa pertencer à Igreja. Recordai-vos bem: ser cristão significa pertença à Igreja. O nome é «cristão» e o sobrenome, «pertença à Igreja».

Caros amigos, peçamos ao Senhor, por intercessão da Virgem Maria Mãe da Igreja, a graça de nunca cair na tentação de pensar que podemos renunciar aos outros, que podemos prescindir da Igreja, que nos podemos salvar sozinhos, que somos cristãos de laboratório. Pelo contrário, não se pode amar a Deus sem amar os irmãos; não se pode amar a Deus fora da Igreja; não se pode viver em comunhão com Deus sem viver na Igreja; não podemos ser bons cristãos, a não ser juntamente com todos aqueles que procuram seguir o Senhor Jesus, como um único povo, um único corpo; é nisto que consiste a Igreja. Obrigado!

Quarta-feira, 6 de Agosto de 2014

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Nas catequeses precedentes vimos que a Igreja constitui um povo, um povo preparado com paciência e amor por Deus e ao qual todos nós somos chamados a pertencer. Hoje, gostaria de pôr em evidência a novidade que caracteriza este povo: trata-se verdadeiramente de um novo povo, que se fundamenta na nova aliança, estipulada pelo Senhor Jesus mediante o dom da sua própria vida. Esta novidade não nega o caminho precedente, nem se lhe opõe mas, ao contrário, leva-o em frente, completa-o.

Existe uma figura muito significativa, que serve de elo de união entre o Antigo e o Novo Testamento: a de João Baptista. Para os Evangelhos sinópticos, ele é o «precursor», aquele que prepara a vinda do Senhor, predispondo o povo para a conversão do coração e para o acolhimento da consolação de Deus, já próxima. Segundo o Evangelho de João, é a «testemunha», enquanto nos faz reconhecer em Jesus Aquele que vem do Alto, para perdoar os nossos pecados e para fazer do seu povo a sua esposa, primícias da nova humanidade. Como «precursor» e «testemunha», João Baptista desempenha um papel central no contexto da Escritura inteira, enquanto serve de ponte entre a promessa do Antigo Testamento e o seu cumprimento, entre as profecias e a sua realização em Jesus Cristo. Com o seu testemunho, João indica-nos Jesus, convida-nos a segui-lo e diz-nos sem meios-termos que isto exige humildade, arrependimento e conversão: trata-se de um convite à humildade, ao arrependimento e à conversão.

Do mesmo modo como Moisés tinha estipulado a aliança com Deus, em virtude da lei recebida no Sinai, assim Jesus, de uma colina à margem do lago da Galileia, confia aos seus discípulos e à multidão um ensinamento novo, que começa com as Bem-Aventuranças. Moisés transmite a Lei no Sinai e Jesus, o novo Moisés, comunica a Lei naquele monte, à margem do lago da Galileia. As Bem-Aventuranças são o caminho que Deus indica como resposta ao desejo de felicidade, ínsito no homem, e aperfeiçoam os mandamentos da Antiga Aliança. Nós estamos habituados a aprender os dez mandamentos — sem dúvida, todos vós os sabeis, já os aprendestes na catequese — mas não estamos acostumados a repetir as Bem-Aventuranças. Então, procuremos recordá-las e gravá-las no nosso coração. Façamos algo: eu vou dizê-las uma após a outra, e vós deveis repeti-las. Concordais?

Primeira: «Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus». [Todos repetem]

«Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados» [Todos repetem]

«Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra». [Todos repetem]

«Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados». [Todos repetem]

«Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia». [Todos repetem]

«Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus». [Todos repetem]

«Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus». [Todos repetem]

«Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus». [Todos repetem]

«Bem-aventurados sois vós quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós por causa de mim». Ajudo-vos: [repete com o povo] «Bem-aventurados sois vós quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós por causa de mim».

«Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus». [Todos repetem]

Muito bem! Mas façamos algo mais: dou-vos um dever de casa, uma tarefa para fazer em casa. Pegai no Evangelho, aquele que tendes convosco... Recordai que deveis ter sempre

convosco um pequeno Evangelho, no bolso, na bolsa, sempre; aquele que tendes em casa. Pegai no Evangelho e, vede que nos primeiros capítulos de Mateus — acho que no capítulo 5 — se encontram as Bem-Aventuranças. E hoje, ou amanhã, lede-as em casa. Fá-lo-eis? [Todos: Sim!] Para não as esquecer, porque se trata da Lei que Jesus nos concede! Fá-lo-eis? Obrigado!

Nestas palavras encontra-se toda a novidade trazida por Cristo; toda a novidade de Cristo está nestas palavras. Com efeito, as Bem-Aventuranças são o retrato de Jesus, a sua forma de vida; e constituem o caminho da verdadeira felicidade, que também nós podemos percorrer com a graça que Jesus nos concede.

Além da nova Lei, Jesus confia-nos inclusive o «protocolo», de acordo com o qual seremos julgados. No fim do mundo nós seremos julgados. E quais serão as perguntas que nos farão lá? Quais serão as interrogações? Qual é o protocolo segundo o qual o Juiz nos julgará? É aquele que encontramos no capítulo 25 do Evangelho de Mateus. Hoje, tendes a tarefa de ler o capítulo 5 do Evangelho de Mateus, onde se encontram as Bem-Aventuranças; e lereis também o capítulo 25, onde está o protocolo, onde estão as perguntas que nos dirigirão no dia do Juízo. Não teremos títulos, créditos ou privilégios para aduzir. O Senhor reconhecer-nos-á se, por nossa vez, O tivermos reconhecido no pobre, no faminto, no indigente, no marginalizado, nos que sofrem, em quem está sozinho... Este é um dos critérios fundamentais de averiguação da nossa vida cristã, com o qual Jesus nos convida a confrontar-nos cada dia. Leio as Bem-Aventuranças e penso como deve ser a minha vida cristã, e depois faço o exame de consciência com este capítulo 25 de Mateus. Cada dia: fiz isso, fiz aquilo... Isto far-nos-á bem! São gestos simples, mas concretos.

Caros amigos, a nova aliança consiste precisamente nisto: em reconhecer-nos, em Cristo, contemplados pela misericórdia e pela compaixão de Deus. É isto que enche o nosso coração de alegria, e é isto que faz da nossa vida um testemunho bonito e credível do amor de Deus por todos os irmãos que encontramos todos os dias. Recordai-vos dos vossos deveres! Capítulo 5 de Mateus, e capítulo 25 de Mateus. Obrigado!

Quarta-feira, 27 de Agosto de 2014

Prezados irmãos e irmãs, bom dia

Cada vez que renovamos a nossa profissão de fé, recitando o «Credo», afirmamos que a Igreja é «una» e «santa». É una, porque tem a sua origem em Deus Trindade, mistério de unidade e de comunhão completas. Além disso, a Igreja é santa, porque está fundada em Jesus Cristo, animada pelo seu Espírito Santo, cheia do seu amor e da sua salvação. Mas ao mesmo tempo, é santa e composta de pecadores, todos nós, pecadores, que fazemos a experiência diária das nossas fragilidades e misérias. Então, esta fé que professamos impele-nos à conversão, a ter a coragem de viver quotidianamente a unidade e a santidade, e se não vivemos unidos, se não somos santos, é porque não somos fiéis a Jesus. Mas Ele, Jesus, não nos deixa sós, não abandona a sua Igreja! Ele caminha ao nosso lado, Ele compreende-nos. Entende as nossas debilidades e os nossos pecados, e perdoa-nos todas as vezes que nos deixamos perdoar. Está sempre ao nosso lado, ajudando-nos a ser menos pecadores e mais santos, mais unidos.

O primeiro conforto vem-nos da constatação que Jesus rezou muito pela unidade dos discípulos. Trata-se da prece da última Ceia, na qual Jesus pediu insistentemente: «Pai, que eles sejam um só». Rezou pela unidade, e fê-lo precisamente na iminência da Paixão, quando estava prestes a oferecer a sua vida inteira por nós. É o que somos convidados a reler e meditar continuamente, numa das páginas mais intensas e comovedoras do Evangelho de João, o capítulo 17 (cf. vv. 11. 21-23). Como é bom saber que o Senhor, um pouco antes de morrer, não se preocupou consigo mesmo, mas pensou em nós! E no seu diálogo intenso com o Pai, orou precisamente para que pudéssemos ser um só com Ele e entre nós. Eis: com estas palavras, Jesus fez-se nosso intercessor junto do Pai, a fim de que também nós pudéssemos entrar na plena comunhão de amor com Ele; ao mesmo tempo, confia-as a nós como seu testamento espiritual, para que a unidade possa tornar-se cada vez mas a nota distintiva das nossas comunidades

cristãs e a resposta mais bonita a quem quer que pergunte a razão da nossa esperança (cf. 1 Pd 3, 15).

«Para que todos sejam um só, assim como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que Tu me enviaste» (Jo 17, 21). A Igreja procurou desde o início realizar este propósito, que está a peito de Jesus. Os Actos dos Apóstolos recordam-nos que os primeiros cristãos se distinguiam pelo facto de terem «um só coração e uma só alma» (Act 4, 32); além disso, o apóstolo Paulo exortava as suas comunidades a não se esquecerem de que constituem «um só corpo» (1 Cor 12, 13). No entanto, a experiência revela-nos que se cometem muitos pecados contra a unidade. E não pensemos unicamente nos cismas, mas também nas faltas muito comuns cometidas nas nossas comunidades, nos pecados «paroquiais», nos pecados que se cometem nas paróquias. Com efeito, às vezes as nossas paróquias, chamadas a ser lugares de partilha e de comunhão, são tristemente marcadas por invejas, ciúmes, antipatias... E as bisbilhotices estão ao alcance de todos. Quantas intrigas há nas paróquias! Isto não é bom. Por exemplo, quando alguém é eleito presidente de uma associação, tagarela-se contra ele. E se uma outra pessoa é eleita presidente da catequese, as outras mexericam contra ela. Mas esta não é a Igreja! Isto não se deve fazer, não devemos agir assim! É necessário pedir ao Senhor a graça de não agir deste modo. Isto acontece quando aspiramos aos primeiros lugares; quando nos pomos a nós mesmos no centro, com as nossas ambições pessoais e com os nossos modos de ver a realidade, quando julgamos o próximo; quando observamos os defeitos dos irmãos, e não as suas qualidades; quando atribuímos maior importância ao que nos divide, do que àquilo que nos irmana...

Certa vez, na minha Diocese precedente, ouvi um comentário interessante e bonito. Falava-se de uma idosa que, durante a sua vida inteira, tinha trabalhado na paróquia; uma pessoa que a conhecia bem disse: «Esta mulher nunca falou mal de ninguém, nunca bisbilhotou e sorria sempre». Uma mulher como esta pode ser canonizada amanhã! Trata-se de um bonito exemplo. E quando vemos a história da Igreja, quantas divisões houve entre nós, cristãos! Até hoje vivemos divididos. Inclusive na história nós cristãos fizemos guerras entre nós por causa de divisões teológicas. Pensemos na guerra dos trinta anos. Mas isto não é cristão! Temos que trabalhar também em prol da unidade de todos os cristãos, caminhar ao longo da senda da unidade, da vereda que Jesus quer e pela qual rezou.

Diante de tudo isto, devemos fazer um sério exame de consciência. Numa comunidade cristã, a divisão é um dos pecados mais graves, porque a torna sinal não da obra de Deus, mas do Diabo, o qual é por definição aquele que separa, que arruína os relacionamentos, que insinua preconceitos... A divisão numa comunidade cristã, quer se trate de uma escola, de uma paróquia ou de uma agremiação, constitui um pecado gravíssimo, porque é obra do Diabo. Deus, ao contrário, quer que cresçamos na capacidade de nos aceitarmos, de perdoarmos e de nos amarmos uns aos outros, para nos assemelharmos cada vez mais Àquele que é comunhão e caridade. Eis no que consiste a santidade da Igreja: em reconhecer-se à imagem de Deus, repleta da sua misericórdia e graça.

Caros amigos, deixemos ressoar no nosso coração estas palavras de Jesus: «Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus!» (Mt 5, 9). Peçamos sinceramente perdão por todas as vezes que constituímos ocasião de divisão ou de incompreensão no seio das nossas comunidades, conscientes de que não chegaremos à comunhão, a não ser através de uma conversão contínua. Em que consiste a conversão? Consiste em pedir ao Senhor a graça de não bisbilhotar, de não criticar, de não fazer mexericos, de amar a todos. É uma graça que o Senhor nos concede. É nisto que consiste a conversão do coração. E peçamos que o tecido diário dos nossos relacionamentos possa tornar-se um reflexo cada vez mais bonito e alegre da relação entre Jesus e o Pai.

Quarta-feira, 3 de Setembro de 2014

A Igreja é Mãe

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Nas catequeses precedentes tivemos a oportunidade de frisar várias vezes que não nos tornamos cristãos sozinhos, ou seja, com as nossas próprias forças, autonomamente, e nem sequer nos tornamos cristãos no laboratório, mas somos gerados e crescemos na fé no interior do grande corpo que é a Igreja. Neste sentido, a Igreja é verdadeiramente mãe, a nossa mãe Igreja — é bonito dizê-lo assim: a nossa mãe Igreja — uma mãe que nos dá vida em Cristo e que nos faz viver com todos os outros irmãos na comunhão do Espírito Santo.

Nesta sua maternidade, a Igreja tem como modelo a Virgem Maria, o modelo mais bonito e mais excelso que possa existir. Foi o que já as primeiras comunidades cristãs esclareceram e o Concílio Vaticano II expressou de modo admirável (cf. Const. *Lumen gentium*, 63-64). A maternidade de Maria é sem dúvida única, singular, cumprindo-se na plenitude dos tempos, quando a Virgem deu à luz o Filho de Deus, concebido por obra do Espírito Santo. E todavia, a maternidade da Igreja insere-se precisamente em continuidade com a de Maria, como uma sua prolongação na história. Na fecundidade do Espírito, a Igreja continua a gerar novos filhos em Cristo, sempre à escuta da Palavra de Deus e em docilidade ao seu desígnio de amor. A Igreja é mãe. Com efeito, o nascimento de Jesus no ventre de Maria, é prelúdio do nascimento de cada cristão no seio da Igreja, dado que Cristo é o primogénito de uma multidão de irmãos (cf. Rm 8, 29) e o nosso primeiro irmão Jesus nasceu de Maria, é o modelo, e todos nós nascemos na Igreja. Então, compreendemos que a relação que une Maria à Igreja é mais profunda do que nunca: contemplemos Maria, descubramos o rosto mais belo e mais terno da Igreja; e olhemos para a Igreja, reconheçamos os lineamentos sublimes de Maria. Nós, cristãos, não somos órfãos, temos uma mãe, temos uma mãe, e isto é sublime! Não somos órfãos! A Igreja é mãe, Maria é mãe.

A Igreja é nossa mãe, porque nos deu à luz no Baptismo. Cada vez que baptizamos uma criança, ela torna-se filha da Igreja, entra na Igreja. E a partir daquele dia, como mãe cheia de desvelo, faz-nos crescer na fé e indica-nos com a força da Palavra de Deus o caminho de salvação, defendendo-nos do mal.

A Igreja recebeu de Jesus o tesouro precioso do Evangelho, não para o conservar para si mesma, mas para o oferecer generosamente aos outros, como faz uma mãe. Neste serviço de evangelização manifesta-se de modo peculiar a maternidade da Igreja, comprometida como mãe em oferecer aos seus filhos a alimento espiritual que nutre e faz fecundar a vida cristã. Portanto, todos nós somos chamados a acolher com mente e coração abertos a Palavra de Deus que a Igreja dispensa todos os dias, porque esta Palavra tem a capacidade de nos mudar a partir de dentro. Somente a Palavra de Deus tem esta capacidade de nos transformar positivamente a partir de dentro, das nossas raízes mais profundas. A Palavra de Deus tem este poder. E quem nos dá a Palavra de Deus? A mãe Igreja. Com esta palavra ela amamenta-nos como crianças, cuida de nós durante a vida com esta Palavra, e isto é sublime! É precisamente a mãe Igreja que, com a Palavra de Deus, nos muda a partir de dentro. A Palavra de Deus que recebemos da mãe Igreja transforma-nos, tornando a nossa humanidade não palpitante segundo a mundanidade da carne, mas segundo o Espírito.

Na sua solicitude materna, a Igreja esforça-se por mostrar aos crentes o caminho a percorrer para viver uma existência fecunda de alegria e de paz. Iluminados pela luz do Evangelho e sustentados pela graça dos Sacramentos, especialmente pela Eucaristia, nós podemos orientar as nossas opções para o bem e atravessar com coragem e esperança os momentos de obscuridade e as veredas mais tortuosas. O caminho de salvação, através do qual a Igreja nos guia e acompanha com a força do Evangelho e o sustentáculo dos Sacramentos, confere-nos a capacidade de nos defendermos do mal. A Igreja tem a coragem de uma mãe consciente de que deve defender os seus filhos dos perigos que derivam da presença de satanás no mundo, para os conduzir ao encontro com Jesus. Uma mãe defende sempre os seus filhos. Esta defesa consiste inclusive em exortar à vigilância: velar contra o engano e a sedução do

maligno. Pois embora Deus tenha derrotado satanás, ele volta sempre com as suas tentações; como sabemos, todos somos tentados, fomos tentados e somos tentados. Satanás vem «como um leão que ruge» (1 Pd 5, 8), diz o apóstolo Pedro, e temos o dever de não ser ingénuos, mas de vigiar e resistir firmes na fé. Resistir com os conselhos da mãe Igreja, resistir com a ajuda da mãe Igreja que, como uma boa mãe, sempre acompanha os seus filhos nos momentos difíceis.

Caros amigos, esta é a Igreja, esta é a Igreja que todos nós amamos, esta é a Igreja que eu amo: uma mãe que tem a peito o bem dos seus filhos e é capaz de dar a própria vida por eles. No entanto, não devemos esquecer que a Igreja não é composta só por sacerdotes, nem por nós bispos, não, somos todos nós! A Igreja somos todos! Concordais? E também nós somos filhos, mas também mães de outros cristãos. Todos nós baptizados, homens e mulheres, formamos juntos a Igreja. Quantas vezes na nossa vida não damos testemunho desta maternidade da Igreja, desta coragem materna da Igreja! Quantas vezes somos cobardes! Então, confiemo-nos a Maria para que Ela, como mãe do nosso Irmão primogénito, Jesus, nos ensine a ter o seu mesmo espírito materno em relação aos nossos irmãos, com a capacidade sincera de acolher, de perdoar, de dar força e de infundir confiança e esperança. É isto que faz uma mãe!

Quarta-feira, 10 de Setembro de 2014

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

No nosso itinerário de catequeses sobre a Igreja, estamos a reflectir sobre o facto de que a Igreja é mãe. Na semana passada frisámos como a Igreja nos faz crescer e, com a luz e a força da Palavra de Deus, nos indica o caminho da salvação, e nos defende do mal. Hoje gostaria de ressaltar um aspecto particular desta acção educativa da nossa mãe Igreja, ou seja, como ela nos ensina as obras de misericórdia.

Um bom educador vai ao essencial. Não se perde nos pormenores, mas quer transmitir o que deveras conta para que o filho ou o aluno encontre o sentido e a alegria de viver. É a verdade. E o essencial, segundo o Evangelho, é a misericórdia. O essencial do Evangelho é a misericórdia. Deus enviou o seu Filho, Deus fez-se homem para nos salvar, ou seja, para nos dar a sua misericórdia. Jesus diz isto claramente, resumindo o seu ensinamento para os discípulos: «Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso» (Lc 6, 36). Pode existir um cristão que não seja misericordioso? Não. O cristão deve ser necessariamente misericordioso, porque este é o centro do Evangelho. E fiel a este ensinamento, a Igreja não pode deixar de repetir a mesma coisa aos seus filhos: «Sede misericordiosos», como o vosso Pai, e como o foi Jesus. Misericórdia.

E então a Igreja comporta-se como Jesus. Não dá lições teóricas sobre o amor, sobre a misericórdia. Não difunde no mundo uma filosofia, um caminho de sabedoria... Certamente, o Cristianismo é também tudo isto, mas por consequência, de reflexo. A mãe Igreja, como Jesus, ensina com o exemplo, e as palavras servem para iluminar o significado dos seus gestos.

A mãe Igreja ensina-nos a dar de comer e de beber a quem tem fome e sede, a vestir quem está nu. E como o faz? Com o exemplo de tantos santos e santas que fizeram isto de modo exemplar; e também com o exemplo de tantíssimos pais e mães, que ensinam aos seus filhos que o que sobeja a nós é para quem não tem o necessário. É importante saber isto. Nas famílias cristãs mais simples sempre foi sagrada a regra da hospitalidade: nunca falta um prato e um leito para quem precisa. Certa vez uma mãe contou-me — na outra diocese — que queria ensinar isto aos seus filhos e dizia-lhes que ajudassem e dessem de comer a quem tinha fome; ela tinha três. E um dia ao almoço — o pai estava fora por trabalho, estava ela com os três filhos, pequeninos, 7, 5, 4 anos mais ou menos — e batem à porta: era um senhor que pedia de comer. E a mãe disse-lhes: «Espera um momento». Entrou e disse aos filhos: «Está ali um senhor que pede de comer, que fazemos?», «Damos-lhe, mãe, damos-lhe!». Cada um tinha no prato um bife com batatas fritas. «Muito bem — disse a mãe — damos-lhe metade de cada um de vós». «Ah, não, mãe, assim não está bem!». «É assim, tu deves dar do teu». E deste modo, esta mãe ensinou aos seus filhos a dar de comer do próprio. Este é um bonito exemplo que me ajudou

muito. «Mas não me sobeja nada...». «Dá do teu!». É assim que nos ensina a mãe Igreja. E vós, numerosas mães que estais aqui, sabeis o que deveis fazer para ensinar aos vossos filhos para que partilhem as suas coisas com quem tem necessidade.

A mãe Igreja ensina a estar próximos de quem é doente. Quantos santos e santas serviram Jesus deste modo! E quantos homens e mulheres simples, todos os dias, põem em prática esta obra de misericórdia num quarto de hospital, ou de uma casa de repouso, ou na própria casa, assistindo uma pessoa doente.

A mãe Igreja ensina a estar próximo de quem está na prisão. «Mas, Padre, não, este é perigoso, é gente má». Mas cada um de nós é capaz... Ouvi bem isto: cada um de nós é capaz de fazer o mesmo que fez aquele homem ou aquela mulher que está na prisão. Todos temos a capacidade de pecar e de fazer o mesmo, de errar na vida. Não é mais maldoso do que tu e do que eu! A misericórdia supera qualquer muro, qualquer barreira, e leva-te a procurar sempre o rosto do homem, da pessoa. E é a misericórdia que muda o coração e a vida, que pode regenerar uma pessoa e permitir que ela se insira de maneira nova na sociedade.

A mãe Igreja ensina a sermos próximos de quem está abandonado e morre sozinho. Foi quanto fez a beata Teresa pelas estradas de Calcutá; e foi o que fizeram tantos cristãos que não têm medo de apertar a mão a quem está para deixar este mundo. E também aqui, a misericórdia doa a paz a quem parte e a quem fica, fazendo-nos sentir que Deus é maior do que a morte, e que permanecendo n'Ele também a última separação é um «adeus»... Tinha compreendido bem isto a beata Teresa! Diziam-lhe: «Madre, isto é perder tempo!». Encontrava pessoas moribundas pela estrada, pessoas às quais os ratos de rua começavam a comer o corpo, e ela levava-as para casa para que morressem limpos, tranquilos, acariciados, em paz. Ela dava-lhes o «adeus», a todas elas... E tantos homens e mulheres como ela fizeram isto. E eles esperam-no, lá [indica o céu], à porta, para lhes abrir a porta do Céu. Ajudar as pessoas a morrer bem, em paz.

Amados irmãos e irmãs, assim a Igreja é mãe, ensinando aos seus filhos as obras de misericórdia. Ela aprendeu de Jesus este caminho, aprendeu que isto é essencial para a salvação. Não basta amar quem nos ama. Jesus diz que os pagãos o fazem. Não é suficiente fazer o bem a quem pratica conosco o bem. Para mudar o mundo para melhor é preciso fazer bem a quem não é capaz de retribuir, como fez o Pai conosco, dando-nos Jesus. Quanto pagámos pela nossa redenção? Nada, tudo de graça! Fazer o bem sem esperar algo em troca. Assim fez o Pai conosco e nós devemos fazer o mesmo. Pratica o bem e vai em frente!

Como é bonito viver na Igreja, na nossa mãe Igreja que nos ensina estas coisas que Jesus nos ensinou. Agradecemos ao Senhor, que nos concede a graça de ter a Igreja como mãe, ela que nos ensina o caminho da misericórdia, que é o caminho da vida. Agradecemos ao Senhor.

Quarta-feira, 17 de Setembro de 2014

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Esta semana continuamos a falar sobre a Igreja. Quando professamos a nossa fé, afirmamos que a Igreja é «católica» e «apostólica». Mas qual é realmente o significado destas duas palavras, destas duas notas características da Igreja? E que valor têm elas para as comunidades cristãs e para cada um de nós?

Católica significa universal. Uma definição completa e clara é-nos oferecida por um dos Padres da Igreja dos primeiros séculos, são Cirilo de Jerusalém, quando afirma: «Sem dúvida, a Igreja é definida católica, ou seja universal, porque está espalhada por toda a parte, de lés a lés da terra; e porque universalmente e sem falta ensina todas as verdades que devem chegar ao conhecimento dos homens, quer em relação às realidades celestiais, quer às terrestres» (Catequese XVIII, 23).

Sinal evidente da catolicidade da Igreja é que ela fala todas as línguas. E este é simplesmente o efeito do Pentecostes (cf. At 2, 1-13): de facto, foi o Espírito Santo que tornou os Apóstolos e a Igreja inteira capazes de fazer ressoar a todos, até aos confins da terra, a Boa

Notícia da salvação e do amor de Deus. Assim a Igreja nasceu católica, isto é «sinfónica» desde as origens, e não pode deixar de ser católica, orientada para a evangelização e para o encontro com todos. Hoje, a Palavra de Deus lê-se em todas as línguas, todos dispõem do Evangelho para o ler na própria língua. E insisto sobre este conceito: é sempre bom ter conosco um Evangelho pequeno, no bolso, na bolsa, para ler um seu trecho durante o dia. Isto faz-nos bem! O Evangelho é propagado em todas as línguas porque a Igreja, o anúncio de Jesus Cristo Redentor, está no mundo inteiro. É por isso que se diz que a Igreja é católica, porque é universal.

Se a Igreja nasceu católica, quer dizer que nasceu «em saída», que nasceu missionária. Se os Apóstolos tivessem permanecido ali no cenáculo, sem sair para anunciar o Evangelho, a Igreja seria apenas daquele povo, daquela cidade, daquele cenáculo. Mas todos saíram pelo mundo fora, desde o instante do nascimento da Igreja, da descida do Espírito Santo sobre eles. Por isso a Igreja nasceu «em saída», ou seja, missionária. É isto que dizemos quando a qualificamos como apostólica, porque o apóstolo é quem anuncia a Boa Notícia da Ressurreição de Jesus. Este termo recorda-nos que a Igreja, assente nos Apóstolos e em continuidade com eles — foram os Apóstolos que partiram e fundaram novas Igrejas, constituindo novos bispos, e assim no mundo inteiro, em continuidade. Hoje, todos nós vivemos em continuidade com aquele grupo de Apóstolos que recebeu o Espírito Santo e depois «saiu» para pregar — a Igreja é enviada a anunciar a todos os homens esta notícia do Evangelho, acompanhando-o com os sinais da ternura e do poder de Deus. Também isto deriva do evento do Pentecostes: com efeito, é o Espírito Santo que nos faz superar toda a resistência, vencer a tentação de nos fecharmos em nós mesmos, entre poucos escolhidos, e de nos considerarmos os únicos destinatários da Bênção de Deus. Se, por exemplo, alguns cristãos fazem isto, dizendo: «Nós somos os eleitos, só nós», no final morrerão. Primeiro na alma e depois no corpo, porque não têm vida, não são capazes de gerar a vida, outras pessoas, outros povos: não são apostólicos. É precisamente o Espírito que nos leva ao encontro dos irmãos, até daqueles mais distantes em todos os sentidos, para que possam compartilhar conosco o amor, a paz e a alegria que o Senhor Ressuscitado nos concedeu.

Que comporta, para as nossas comunidades e para cada um de nós, fazer parte de uma Igreja que é católica e apostólica? Antes de tudo, significa preocupar-se com a salvação da humanidade inteira, sem nos sentirmos indiferentes ou alheios diante do destino de tantos dos nossos irmãos, mas abertos e solidários para com eles. Além disso, significa ter o sentido da plenitude, da integridade e da harmonia da vida cristã, rejeitando sempre as posições parciais, unilaterais, que nos fecham em nós mesmos.

Fazer parte da Igreja apostólica quer dizer estar conscientes de que a nossa fé se encontra ancorada no anúncio e no testemunho dos próprios Apóstolos de Jesus, está ancorada lá, é uma longa cadeia que começa lá; e por isso sentir-nos sempre enviados, mandados, em comunhão com os sucessores dos Apóstolos, para anunciar com o coração cheio de alegria Cristo e o seu amor por toda a humanidade. E aqui gostaria de recordar a vida heróica de numerosos missionários e missionárias que deixaram a sua pátria para ir anunciar o Evangelho noutros países, noutros Continentes. Dizia-me um Cardeal brasileiro que trabalha frequentemente na Amazônia, que quando vai a um lugar, a um povoado ou a uma cidade da Amazônia, visita sempre o cemitério e ali vê os túmulos dos missionários, sacerdotes, irmãos e irmãs que partiram para anunciar o Evangelho: apóstolos. E pensa: todos eles podem ser canonizados agora, pois deixaram tudo para anunciar Jesus Cristo. Demos graças ao Senhor porque a nossa Igreja tem e teve muitos missionários, mas ainda precisa de muitos mais! Demos graças ao Senhor por isso! Talvez no meio de tantos jovens, de tantas jovens que estão aqui, algum tenha a vontade de se tornar missionário: vá em frente! É bonito anunciar o Evangelho de Jesus! Que seja corajoso, seja corajosa!

Então, peçamos ao Senhor que renove em nós o dom do seu Espírito, a fim de que todas as comunidades cristãs e cada baptizado sejam expressão da santa Mãe Igreja católica e apostólica.

Quarta-feira, 1º de Outubro de 2014

Caros irmãos e irmãs, bom dia!

Desde o início, o Senhor encheu a Igreja com as dádivas do seu Espírito, tornando-a assim sempre viva e fecunda com os dons do Espírito Santo. Entre estes dons, distinguem-se alguns que são particularmente preciosos para a edificação e o caminho da comunidade cristã: trata-se dos carismas. Nesta catequese, queremos interrogar-nos: o que é exactamente um carisma? Como podemos reconhecê-lo e acolhê-lo? E, sobretudo: a constatação de que na Igreja existe uma diversidade e uma multiplicidade de carismas deve ser visto em sentido positivo, como algo bom, ou como um problema?

Na linguagem comum, quando se fala de «carisma», entende-se muitas vezes um talento, uma habilidade natural. Afirma-se: «Esta pessoa tem um carisma especial para ensinar. Tem um talento». Deste modo, diante de uma pessoa particularmente brilhante e influente, costuma-se dizer: «É uma pessoa carismática». «O que significa?». «Não sei, mas é carismática». Dizemos assim. Não sabemos o que falamos, mas dizemos: «É carismática». No entanto, na perspectiva cristã o carisma é muito mais que uma qualidade pessoal, uma predisposição da qual alguém pode ser dotado: o carisma é uma graça, um dom conferido por Deus Pai, por obra do Espírito Santo. Trata-se de uma dádiva concedida a alguém, não porque é melhor que os outros, nem porque a mereceu: é um presente que Deus lhe oferece para que, com a mesma gratuidade e com o mesmo amor, o possa pôr ao serviço da comunidade inteira, para o bem de todos. Falando de modo um pouco humano, diz-se assim: «Deus concede esta qualidade, este carisma a tal pessoa, e não para si mesma, mas para que esteja ao serviço de toda a comunidade». Hoje, antes de chegar à praça, encontrei-me com numerosas crianças deficientes na sala Paulo VI. Havia muitas, com uma Associação que se dedica ao cuidado de tais crianças. Do que se trata? Esta Associação, estas pessoas, estes homens e mulheres têm o carisma de cuidar de crianças deficientes. É um carisma!

Algo importante que deve ser realçado imediatamente é a constatação de que nós não conseguimos compreender sozinhos se temos um carisma, e qual. Muitas vezes ouvimos pessoas que dizem: «Tenho esta qualidade, sei cantar muito bem». Mas ninguém tem a coragem de lhe dizer: «É melhor que te cales, porque nos atormentas quando cantas!». Ninguém pode dizer: «Eu tenho este carisma!». É no âmbito da comunidade que desabrocham e florescem os dons que o Pai nos concede em abundância; e é no seio da comunidade que aprendemos a reconhecê-los como um sinal do seu amor por todos os seus filhos. Então, é bom que cada um se interrogue: «Há algum carisma que o Senhor fez florescer em mim, na graça do seu Espírito, e que os meus irmãos, na comunidade cristã, reconheceram e encorajaram? E como me comporto em relação a tal dom: vivo-o com generosidade, pondo-o ao serviço de todos, ou então desleixo-me e acabo por me esquecer dele? Ou talvez se torne em mim motivo de orgulho, a ponto de me queixar sempre dos outros e de pretender que na comunidade se faça à minha maneira?». São perguntas que nós devemos fazer: se em mim existe um carisma, se tal carisma é reconhecido pela Igreja, se me sinto feliz com este carisma ou tenho um pouco de inveja dos carismas dos outros, se eu queria ou quero ter aquele carisma. O carisma é um dom: só Deus o concede!

No entanto, a experiência mais bonita é descobrir quantos carismas diversos e quantos dons do seu Espírito o Pai confere à sua Igreja! Isto não deve ser visto como um motivo de confusão e de transtorno: são todos presentes que Deus oferece à comunidade cristã, para que possa crescer harmoniosa, na fé e no seu amor, como um único corpo, o corpo de Cristo. O mesmo Espírito que confere esta diferença de carismas faz a unidade da Igreja. É sempre o mesmo Espírito. Por conseguinte, diante desta multiplicidade de carismas, o nosso coração deve abrir-se à alegria, levando-nos a pensar: «Que bonito! Tantos dons diferentes, pois somos todos filhos de Deus, e todos somos amados de um modo único!». Então, ai de nós se tais dons se

tornarem motivo de inveja, de divisão, de ciúmes! Como recorda o apóstolo Paulo no capítulo 12 da sua primeira Carta aos Coríntios, todos os carismas são importantes aos olhos de Deus e, do mesmo modo, ninguém é insubstituível. Isto quer dizer que na comunidade cristã temos necessidade uns dos outros, e que cada dádiva recebida se realiza plenamente quando é compartilhada com os irmãos, para o bem de todos. A Igreja é assim! E quando a Igreja, na variedade dos seus carismas, se exprime em comunhão, não pode errar: é a beleza e a força do *sensus fidei*, daquele sentido sobrenatural da fé, que é conferido pelo Espírito Santo a fim de que, juntos, possamos entrar no cerne do Evangelho e aprender a seguir Jesus na nossa vida.

Hoje, a Igreja celebra a festa de santa Teresa do Menino Jesus. Esta santa, que faleceu com vinte e quatro anos e amava intensamente a Igreja, desejava ser missionária, mas desejava possuir todos os carismas, e dizia: «Gostaria de fazer isto, isso e aquilo», queria ter todos os carismas. Na oração, sentiu que o seu carisma era o amor! E pronunciou esta linda frase: «No coração da Igreja, serei o amor!». Mas todos nós temos este carisma: a capacidade de amar. Peçamos hoje a santa Teresa do Menino Jesus esta capacidade de amar intensamente a Igreja, de a amar muito e de aceitar todos os carismas com o amor de filhos da Igreja, da nossa santa mãe Igreja hierárquica.

8 de outubro de 2014

Não aceitemos divisões

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Nas últimas catequeses, procuramos revelar a natureza e a beleza da Igreja e nos perguntamos o que significa para cada um de nós pertencer a este povo, o povo de Deus, que é a Igreja. Não devemos esquecer, entretanto, que há muitos irmãos que compartilham nossa fé em Cristo, mas pertencem a outras féis ou tradições que não as nossas. Muitos chegaram a um acordo com esta divisão - ela também foi reconciliada dentro de nossa Igreja Católica - que ao longo da história freqüentemente causou conflitos e sofrimento, incluindo guerras, e é uma pena! Também hoje as relações nem sempre são marcadas pelo respeito e pela cordialidade ... Mas me pergunto: como abordamos tudo isso? Estamos nós também reconciliados com esta divisão, senão indiferentes a ela? Ou acreditamos firmemente que é possível e necessário buscar a reconciliação e a plena comunhão? A plena comunhão é uma oportunidade para compartilhar todos juntos no corpo e sangue de Cristo.

As divisões entre os cristãos ferem a Igreja e ferem Cristo, e nós, quando divididos, ferimos Cristo: pois a Igreja é o corpo do qual Cristo é a cabeça. Bem sabemos o quanto preocupava Cristo que seus discípulos estivessem unidos em seu amor. Basta pensar em suas palavras, citadas no capítulo dezessete do Evangelho de São. João, uma oração dirigida ao Pai pouco antes da Paixão: "Santo Padre, guarda-os em teu nome, que me deste, para que sejam um como nós" (17:11). Essa unidade já estava em perigo quando Jesus ainda estava entre seu próprio povo; de fato, é mencionado no Evangelho que os apóstolos discutiam entre si qual deles era o maior, o mais importante (cf. Lc 9,46). O Senhor, porém, deu grande ênfase a esta unidade em nome do Pai, fazendo-nos compreender, que nossa pregação e nosso testemunho serão tanto mais credíveis quanto mais formos os primeiros a viver em comunidade e amar uns aos outros. Isso é o que Seus apóstolos, pela graça do Espírito Santo, mais tarde compreenderam e levaram a sério, e St. Paulo até implorou à comunidade de Corinto com as seguintes palavras: "Portanto, eu vos admoesto, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, para que vivais em harmonia e para que não haja divisões entre vós; para que sejais um só espírito e uma só mente" (1 Cor 1,10). para que vivam em harmonia e não haja divisões entre vocês; para que sejais um só espírito e uma só mente" (1 Cor 1,10). para que vivam em harmonia e não haja divisões entre vocês; para que sejais um só espírito e uma só mente" (1 Cor 1,10).

Em sua jornada ao longo da história, a Igreja é tentada por Satanás, que tenta dividi-la, e infelizmente tem nela sérias e dolorosas divisões. São divisões que por vezes duraram muito tempo, até aos nossos dias, por isso é difícil agora recriar todas as suas razões e, sobretudo,

encontrar soluções possíveis. As razões que levaram a divisões e divisões podem variar de desacordos sobre princípios dogmáticos e morais e diferentes conceitos teológicos e pastorais, a motivos e benefícios políticos, a disputas causadas por aversões e ambições pessoais ... Certo é que, de uma forma ou de outra, sempre há orgulho e egoísmo por trás dessas rupturas, que são a causa de qualquer discórdia e nos tornam intolerantes, incapazes de ouvir e aceitar aqueles

Agora, em face de tudo isso, há algo que cada um de nós, como membro da santa mãe da Igreja, pode e deve fazer? Sem dúvida, há uma oração que remete à oração de Jesus e, unida a ela, pela unidade dos cristãos. E, além da oração, o Senhor nos pede uma nova abertura: pede que não nos fechemos ao diálogo e ao encontro, mas que vejamos todas as coisas valiosas e positivas anunciadas também por aqueles que não pensam como nós ou assumem posições diferentes. Ele nos pede que não focemos os olhos no que nos divide, mas no que nos une, procurando conhecer e amar melhor Jesus e compartilhar a riqueza do seu amor. Em termos concretos, isso implica a adesão à verdade, mas também a capacidade de perdoar-se, de se sentir parte da mesma família cristã, de reconhecer

É doloroso, mas há divisões, há cristãos divididos, nós dividimos. Mas todos nós temos algo em comum: todos nós acreditamos em Jesus Cristo, o Senhor. Todos nós cremos no Pai, no Filho e no Espírito Santo, e todos caminhamos juntos, estamos no caminho. Deixe-nos ajudar uns aos outros! Mas você pensa assim, você pensa assim ... Existem teólogos competentes em todas as comunidades: deixe-os discutir, deixe-os buscar a verdade teológica porque é um dever, mas vamos caminhar juntos, orando uns pelos outros e realizando obras de misericórdia. E então vamos criar uma comunidade no caminho. Isso é chamado de ecumenismo espiritual - trilhar o caminho da vida todos juntos em nossa fé, no Senhor Jesus Cristo. Diz-se que não há necessidade de falar de assuntos pessoais, mas não resisto à tentação. Estamos falando de comunhão ... comunhão entre nós. E hoje sou muito grato ao Senhor, porque hoje faz 70 anos que recebi minha primeira comunhão. E todos nós devemos saber que receber a Primeira Comunhão significa estar unido aos outros, estar em comunhão com os irmãos da nossa Igreja, mas também em comunhão com todos aqueles que pertencem a outras comunidades, mas que acreditam em Jesus. Agradecemos ao Senhor pelo nosso batismo, agradecemos ao Senhor pela nossa comunhão, e que esta comunhão abrace a todos juntos.

Queridos amigos, avancemos em direção à plena unidade! A história separou-nos, mas caminhamos para a reconciliação e a comunhão! E essa é a verdade! E devemos defendê-lo! Estamos todos a caminho da unidade. E quando nosso objetivo pode parecer muito distante, quase inatingível, e ficarmos desanimados, sejamos confortados pelo pensamento de que Deus não pode fechar os ouvidos à voz de seu Filho Jesus e deixar de ouvi-lo e nossas orações para que todos os cristãos sejam verdadeiramente um.

Quarta-feira, 15 de Outubro de 2014

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Durante este período pudemos falar da Igreja, da nossa santa mãe Igreja hierárquica, do povo de Deus a caminho. Hoje queremos interrogar-nos: no final, o que acontecerá com o povo de Deus? Com cada um de nós? O que devemos esperar? O apóstolo Paulo animava os cristãos da comunidade de Tessalônica, que faziam estas mesmas perguntas, e depois da sua argumentação diziam estas palavras, que estão entre as mais bonitas do Novo Testamento: «E assim estaremos para sempre com o Senhor!» (1 Ts 4, 17). Trata-se de palavras simples, mas com uma imensa densidade de esperança! «E assim estaremos para sempre com o Senhor!». Acreditaís nisto? ... Parece que não. Credes? Vamos repeti-lo juntos, três vezes? «E assim estaremos para sempre com o Senhor!». «E assim estaremos para sempre com o Senhor!». «E assim estaremos para sempre com o Senhor!». É emblemático o modo como no livro do Apocalipse, retomando a intuição dos Profetas, João descreve a dimensão, derradeira,

definitiva, segundo os termos da «nova Jerusalém, eu vi descer do céu, de junto de Deus, a Cidade Santa, como uma esposa ornada para o seu esposo» (Ap 21, 2). É isto que nos espera! Então, eis quem é a Igreja: ela é o povo de Deus que segue o Senhor Jesus e que, dia após dia, se prepara para o encontro com Ele, como uma esposa em relação ao seu esposo. E não é apenas um modo de dizer: celebrar-se-ão núpcias autênticas! Sim, porque Cristo, fazendo-se homem como nós, e tornando-nos todos um só com Ele, com a sua morte e ressurreição, desposou-nos verdadeiramente e fez de nós, como povo, sua esposa. E isto resume-se no cumprimento do desígnio de comunhão e de amor tecido por Deus ao longo da história inteira, da história do povo de Deus e também da história pessoal de cada um de nós. É o Senhor que leva isto em frente.

No entanto, há mais um elemento, que nos conforta ulteriormente e nos abre o coração: João diz-nos que na Igreja, esposa de Cristo, se torna visível a «nova Jerusalém». Isto significa que a Igreja, além de esposa, é chamada a tornar-se cidade, símbolo por excelência da convivência e da relacionalidade humana. Então, como é bonito poder contemplar desde já, segundo outra imagem deveras sugestiva do Apocalipse, todas as nações e povos reunidos nessa cidade, como que numa tenda, «a tenda de Deus (cf. Ap 21, 3)! E nesta moldura gloriosa já não haverá isolamentos, prevaricações nem distinções de qualquer tipo — de natureza social, étnica ou religiosa, mas seremos todos um só em Cristo.

Perante este cenário inaudito e maravilhoso, o nosso coração não pode deixar de se sentir vigorosamente confirmado na esperança. Vede, a esperança cristã é simplesmente um desejo, um auspício, não é optimismo: para o cristão, a esperança significa expectativa, espera fervorosa e apaixonada do cumprimento derradeiro e definitivo do mistério do amor de Deus, no qual renascemos e já vivemos. E é expectativa de Alguém que está prestes a chegar: é o Cristo Senhor que se faz cada vez mais próximo de nós, dia após dia, e que vem para finalmente nos introduzir na plenitude da sua comunhão e da sua paz. Então, a Igreja tem a tarefa de manter acesa e bem visível a lâmpada da esperança, para que possa continuar a resplandecer como sinal seguro de salvação e iluminar para a humanidade inteira a vereda que conduz rumo ao encontro com o semblante misericordioso de Deus.

Caros irmãos e irmãs, eis então do que estamos à espera: que Jesus volte! Como esposa, a Igreja aguarda o seu esposo! No entanto, devemos interrogar-nos com profunda sinceridade: somos verdadeiramente testemunhas luminosas e credíveis desta expectativa, desta esperança? As nossas comunidades ainda vivem no sinal da presença do Senhor Jesus e à espera da sua vinda, ou então parecem cansadas, entorpecidas sob o peso da fadiga e da resignação? Corremos também nós o risco de esgotar o azeite da fé, o óleo da alegria? Tomemos cuidado!

Invoquemos a Virgem Maria, Mãe da esperança e rainha do céu, para que nos preserve sempre numa atitude de escuta e esperança, de maneira a podermos ser desde já permeados do amor de Cristo e participar um dia no júbilo sem fim, na plena comunhão de Deus. Mas nunca vos esqueçais: «E assim estaremos para sempre com o Senhor!» (1 Ts 4, 17). Vamos repeti-lo mais três vezes juntos? «E assim estaremos para sempre com o Senhor!». «E assim estaremos para sempre com o Senhor!». «E assim estaremos para sempre com o Senhor!».

Quarta-feira, 22 de Outubro de 2014

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Quando se deseja salientar como os elementos que compõem uma realidade estão intimamente unidos uns aos outros, formando uma só realidade, usa-se com frequência a imagem do corpo. A partir do apóstolo Paulo, esta expressão foi aplicada à Igreja e reconhecida como a sua característica distintiva mais profunda e mais bonita. Então, hoje queremos interrogar-nos: em que sentido a Igreja forma um corpo? E por que é definida «corpo de Cristo»?

No Livro de Ezequiel é descrita uma visão um pouco especial, impressionante, mas capaz de infundir confiança e esperança nos nossos corações. Deus mostra ao profeta uma planície de ossos, separados uns dos outros, secos. Um cenário desolador... Imaginai uma planície cheia de ossos. Então, Deus pede-lhe que invoque o Espírito sobre eles. Naquele instante, os ossos movem-se, começam a aproximar-se e a unir-se entre si, neles crescem primeiro os nervos e depois a carne, formando-se assim um corpo, completo e cheio de vida (cf. Ez 37, 1-14). Eis, assim é a Igreja! Recomendo-vos que hoje, em casa, pegueis na Bíblia, no capítulo 37 do profeta Ezequiel; não vos esqueçais e lede-o, é muito bonito! Esta é a Igreja, uma obra-prima, a obra-prima do Espírito, que infunde em cada um a vida nova do Ressuscitado, pondo-nos uns ao lado dos outros, uns ao serviço e em ajuda dos outros, fazendo assim de todos nós um único corpo, edificado na comunhão e no amor.

Mas a Igreja não é apenas um corpo edificado no Espírito: a Igreja é o corpo de Cristo! E não se trata simplesmente de um modo de dizer: mas somo-lo verdadeiramente! É o grande dom que recebemos no dia do nosso Baptismo! Com efeito, no sacramento do Baptismo Cristo faz-nos seus, recebendo-nos no âmago do mistério da cruz, o mistério supremo do seu amor por nós, para depois nos fazer ressurgir com Ele, como novas criaturas. Eis: assim nasce a Igreja, é assim que a Igreja se reconhece como corpo de Cristo! O Baptismo constitui um renascimento autêntico, que nos regenera em Cristo, nos torna parte dele e nos une intimamente entre nós, como membros do mesmo corpo, cuja Cabeça é Ele (cf. Rm 12, 5; 1 Cor 12, 12-13).

Então, daqui brota uma profunda comunhão de amor. Neste sentido é iluminador que Paulo, exortando os maridos a «amarem as suas esposas como o próprio corpo», afirme: «Como Cristo faz à sua Igreja, porque somos membros do seu corpo» (Ef 5, 28-30). Como seria bom se recordássemos mais frequentemente o que somos, o que o Senhor Jesus fez de nós: somos o seu corpo, aquele corpo do qual nada nem ninguém pode privá-lo e que Ele cobre com toda a sua paixão e todo o seu amor, precisamente como um esposo faz com a sua esposa. Mas este pensamento deve fazer nascer em nós o desejo de corresponder ao Senhor Jesus e de compartilhar o seu amor entre nós, como membros vivos do seu próprio corpo. Na época de Paulo, a comunidade de Corinto encontrava muitas dificuldades neste sentido, vivendo, como também nós tantas vezes, a experiência das divisões, das invejas, das incompreensões e da marginalização. Nada disto é bom porque, em vez de edificar e levar a Igreja a crescer como corpo de Cristo, fragmenta-a em muitas partes, desmembrando-a. E isto acontece inclusive nos dias de hoje. Pensemos nas comunidades cristãs, nalgumas paróquias, pensemos nos nossos bairros, quantas divisões, quantos ciúmes, como se critica, quanta incompreensão e marginalização! E o que comporta isto? Desmembra-nos uns dos outros. É o início da guerra. A guerra não começa no campo de batalha: a guerra, as guerras têm início no coração, com incompreensões, divisões, invejas e com esta luta contra o próximo! A comunidade de Corinto era assim, eles eram campeões nisto! O apóstolo Paulo deu aos Coríntios alguns conselhos concretos que são válidos também para nós: não ser invejosos, mas nas nossas comunidades apreciar os dons e as qualidades dos nossos irmãos. Os ciúmes: «Aquele comprou um carro» e sinto aqui uma inveja; «Este ganhou na lotaria», e outra inveja; «E aquele é bem sucedido nisto», e mais uma inveja. Tudo isto desmembra, faz mal, e não se deve fazê-lo, pois assim os ciúmes aumentam e enchem o coração! E um coração ciumento é um coração amargo, um coração que em vez de sangue parece conter vinagre; é um coração que nunca está feliz, é um coração que desmembra a comunidade. Mas então que devo fazer? Apreciar nas nossas comunidades os dons e as qualidades dos outros, dos nossos irmãos. E quando sinto inveja — porque todos sentem, todos somos pecadores — devo dizer ao Senhor: «Obrigado, Senhor, porque concedestes isto àquela pessoa»! Estimar as qualidades, tornar-se próximo e participar no sofrimento dos últimos e dos mais necessitados; manifestar a própria gratidão a todos. O coração que sabe dizer obrigado é um coração bom, um coração nobre, um coração feliz! Pergunto-vos: todos nós sabemos dizer obrigado, sempre? Nem sempre, porque a inveja, os ciúmes nos limitam um pouco. E, finalmente, eis o conselho que o apóstolo Paulo dá aos Coríntios e que também nós devemos dar-nos uns aos outros: não consideres ninguém superior

aos outros. Quanta gente se sente superior aos outros! Também nós, muitas vezes, dizemos como aquele fariseu da parábola: «Obrigado, Senhor, porque não sou como aquele, sou superior!». Mas isto é feio, nunca se deve agir assim! E quando estiveres prestes a fazê-lo, recorda-te dos teus pecados, daqueles que ninguém conhece, envergonha-te diante de Deus e diz: «Mas Tu, Senhor, Tu sabes quem é superior, eu fecho a boca!». E isto faz bem. E, sempre na caridade, consideremo-nos membros uns dos outros, que vivem e se entregam para o bem de todos (cf. 1 Cor 12–14).

Caros irmãos e irmãs, como o profeta Ezequiel e como o apóstolo Paulo, invoquemos também nós o Espírito Santo, para que a sua graça e a abundância dos seus dons nos ajudem a viver verdadeiramente como corpo de Cristo, unidos como família, mas uma família que é o corpo de Cristo, e como sinal visível e belo do amor de Cristo.

Quarta-feira, 29 de Outubro de 2014

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Nas catequeses precedentes tivemos a oportunidade de evidenciar que a Igreja tem uma natureza espiritual: é o corpo de Cristo, edificado no Espírito Santo. No entanto, quando nos referimos à Igreja, o pensamento dirige-se imediatamente para as nossas comunidades, paróquias, dioceses e estruturas, nas quais em geral, estamos habituados a reunir-nos e, obviamente, também ao componente e às figuras mais institucionais que a regem, que a governam. Nisto consiste a realidade visível da Igreja. Devemos perguntar-nos: trata-se de duas realidades diferentes, ou de uma única Igreja? E, se é sempre uma só Igreja, como podemos entender a relação entre a sua realidade visível e a espiritual?

Antes de tudo, quando falamos da realidade visível da Igreja, não devemos pensar exclusivamente no Papa, nos Bispos, nos sacerdotes, nas religiosas e em todas as pessoas consagradas. A realidade visível da Igreja é constituída por numerosos irmãos e irmãs batizados que, no mundo, crêem, esperam e amam. Todavia, muitas vezes ouvimos dizer: «Mas a Igreja não faz isto, a Igreja não faz aquilo...» — «Mas diz-me, quem é a Igreja?» — «São os presbíteros, os Bispos, o Papa...» — A Igreja somos todos nós! Todos os batizados somos a Igreja, a Igreja de Jesus! Todos aqueles que seguem o Senhor Jesus e que, no seu nome, se fazem próximos dos últimos e dos sofredores, procurando oferecer um pouco de alívio, de conforto e de paz. Todos aqueles que fazem o que o Senhor mandou são a Igreja. Então, compreendemos que também a realidade visível da Igreja não é comensurável, nem é conhecível em toda a sua plenitude: como se pode conhecer todo o bem que é feito? Tantas obras de amor, tantos gestos de fidelidade nas famílias, tanto trabalho para educar os filhos e para transmitir a fé, tanto padecimento nos doentes que oferecem os seus sofrimentos ao Senhor... Tudo isto não se pode medir, porque é deveras grande! Como se podem conhecer todas as maravilhas que, através de nós, Cristo consegue realizar no coração e na vida de cada pessoa? Vede: inclusive a realidade visível da Igreja vai além do nosso controle, ultrapassa as nossas forças e é uma realidade misteriosa, porque provém de Deus.

Para compreender na Igreja a relação entre a sua realidade visível e a espiritual, não há outro modo, a não ser olhar para Cristo, de Quem a Igreja constitui o corpo e por Quem ela é gerada, num gesto de amor infinito. Com efeito, em virtude do mistério da Encarnação, também em Cristo nós reconhecemos uma natureza humana e uma divina, unidas na mesma Pessoa de modo admirável e indissolúvel. Isto é válido de maneira análoga inclusive para a Igreja. E assim como em Cristo a natureza humana coadjuva plenamente a divina, pondo-se ao seu serviço, em função do cumprimento da salvação, do mesmo modo acontece na Igreja pela sua realidade visível, em relação à espiritual. Portanto, também a Igreja é um mistério, no qual o que não se

vê é mais importante do que aquilo que é visível, e só pode ser reconhecido com os olhos da fé (cf. Const. dogm. sobre a Igreja Lumen gentium, 8).

Porém, no caso da Igreja devemos interrogar-nos: como pode a realidade visível pôr-se ao serviço da espiritual? Mais uma vez, só o podemos compreender fitando Cristo. Ele é o modelo da Igreja, porque a Igreja é o seu corpo. É o modelo de todos os cristãos, de todos nós. Quando fitamos Cristo, não nos enganamos! No Evangelho de Lucas narra-se que Jesus, tendo voltado para Nazaré onde crescera, entrou na sinagoga e, referindo-se a si mesmo, leu o trecho do profeta Isaías onde está escrito: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a recuperação da vista, para pôr em liberdade os prisioneiros, para proclamar o ano da graça do Senhor» (4, 18-19). Eis: assim como Cristo se serviu da sua humanidade — porque Ele era também homem — para anunciar e cumprir o desígnio divino de redenção e de salvação — porque era Deus — do mesmo modo deve ser também a Igreja. Através da sua realidade visível, de tudo aquilo que se vê, os sacramentos e o testemunho de todos nós, cristãos, a Igreja é chamada todos os dias a fazer-se próxima de cada homem, a começar por quantos são pobres, por quem sofre e por aqueles que vivem marginalizados, de maneira a continuar a fazer sentir sobre todos o olhar compassivo e misericordioso de Jesus.

Caros irmãos e irmãs, muitas vezes como Igreja nós fazemos a experiência da nossa fragilidade e dos nossos limites. Todos somos limitados. Todos somos pecadores. Nenhum de nós pode dizer: «Eu não sou pecador!». Ma se algum de nós sentir que não não é pecador, levante a mão. Todos nós somos pecadores. E esta fragilidade, estes limites, estes nossos pecados, é natural que suscitem em nós um profundo desgosto, sobretudo quando damos mau exemplo e compreendemos que somos motivo de escândalo. Quantas vezes ouvimos dizer, no bairro: «Aquela pessoa lá vai sempre à igreja, mas fala mal de todos...». Isto não é cristão, é um mau exemplo: é pecado. É assim que damos mau exemplo: «Em suma, se aquele ou aquela é cristão, eu torno-me ateu!». O nosso testemunho consiste em fazer compreender o que significa ser cristão. Peçamos para não ser motivo de escândalo. Peçamos o dom da fé para podermos entender como, não obstante a nossa pequenez e a nossa pobreza, o Senhor nos transformou verdadeiramente em instrumentos de graça e sinais visíveis do seu amor por toda a humanidade. Sim, podemos tornar-nos motivo de escândalo! Contudo, podemos também tornar-nos motivo de testemunho, transmitindo com a nossa vida aquilo que Jesus deseja de nós.

Quarta-feira, 5 de Novembro de 2014

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Ouvimos o que o apóstolo Paulo diz ao bispo Tito. Mas quantas virtudes nós bispos devemos ter? Todos nós ouvimos, não? Não é fácil, porque nós somos pecadores. Mas confiamos na vossa oração, para que pelo menos nos aproximemos daquilo que o apóstolo Paulo aconselha a todos os Bispos. Concordais? Rezareis por nós?

Já pudemos salientar, nas catequeses precedentes, que o Espírito Santo cumula sempre, abundantemente, a Igreja com os seus dons. Pois bem, no poder e na graça do seu Espírito, Cristo não deixa de suscitar ministérios, com a finalidade de edificar as comunidades cristãs como seu corpo. Entre tais ministérios distingue-se o episcopal. No Bispo, coadjuvado pelos presbíteros e pelos diáconos, é o próprio Cristo que se faz presente e continua a cuidar da sua Igreja, assegurando a sua salvaguarda e orientação.

Na presença e no ministério dos Bispos, dos presbíteros e dos diáconos podemos reconhecer o rosto autêntico da Igreja: é a Santa Mãe Igreja Hierárquica. E verdadeiramente, através destes irmãos escolhidos pelo Senhor e consagrados com o sacramento da Ordem, a

Igreja exerce a sua maternidade: gera-nos no Baptismo como cristãos, levando-nos a renascer em Cristo; vela sobre o nosso crescimento na fé; acompanha-nos rumo aos braços do Pai para receber o seu perdão; prepara-nos a mesa eucarística, onde nos nutre com a Palavra de Deus, com o Corpo e o Sangue de Jesus; invoca sobre nós a Bênção de Deus e a força do seu Espírito, sustentando-nos durante todo o percurso da nossa vida e afagando-nos com a sua ternura e carinho, sobretudo nos momentos mais delicados da provação, do sofrimento e da morte.

Esta maternidade da Igreja exprime-se em especial na pessoa do Bispo e no seu ministério. Com efeito, assim como Jesus escolheu os Apóstolos e os enviou para anunciar o Evangelho e apascentar a grei, também os Bispos, seus sucessores, são postos à frente das comunidades cristãs como garantes da sua fé e sinal vivo da presença do Senhor no meio delas. Portanto, entendemos que não se trata de uma posição de prestígio, de um cargo honorífico. O episcopado não é uma honorificência, mas um serviço. Jesus quis assim! Na Igreja não deve haver lugar para a mentalidade mundana. A mentalidade mundana diz: «Este homem fez a carreira eclesiástica, tornou-se bispo!». Não, não, na Igreja não deve haver lugar para esta mentalidade. O episcopado é um serviço, não uma honorificência para se vangloriar. Ser Bispo quer dizer ter sempre diante dos olhos o exemplo de Jesus que, como Bom Pastor, veio não para ser servido, mas para servir (cf. Mt 20, 28; Mc 10, 45) e dar a vida pelas suas ovelhas (cf. Jo 10, 11). Os santos Bispos — na história da Igreja há muitos santos Bispos! — mostram-nos que este ministério não se procura, não se pede nem se compra, mas acolhe-se em obediência, não para se elevar, mas para se abaixar, como Jesus que «se humilhou a si mesmo, fazendo-se obediente até à morte, e morte de cruz» (Fl 2, 8). É triste quando se vê um homem que procura este ofício e faz muitas coisas para o alcançar, e quando o alcança não serve, mas pavoneia-se, vive só para a sua vaidade.

Existe outro elemento precioso, que merece ser frisado. Quando Jesus escolheu e chamou os Apóstolos, não os pensou separados uns dos outros, cada qual por conta própria, mas juntos, para estar com Ele, unidos como uma só família. Também os Bispos constituem um único Colégio, reunido ao redor do Papa, que é guardião e garante desta profunda comunhão, a qual era muito importante para Jesus e para os seus Apóstolos. Então, como é bom quando os Bispos com o Papa exprimem esta colegialidade e procuram ser cada vez mais e melhores servidores dos fiéis na Igreja! Pudemos experimentá-lo recentemente, na Assembleia sinodal sobre a família. Mas pensemos em todos os bispos espalhados pelo mundo que, embora vivam em localidades, culturas, sensibilidades e tradições diferentes e distantes entre si, em toda a parte — um dia um bispo disse-me que para chegar a Roma de onde ele vive são necessárias mais de trinta horas de avião — sentem-se parte uns dos outros e tornam-se expressão do vínculo íntimo em Cristo, entre as comunidades. E na comum oração eclesial todos os bispos juntos se põem à escuta do Senhor e do Espírito, e assim podem prestar profunda atenção ao homem e aos sinais dos tempos (cf. Const. *Gaudium et spes*, 4).

Caros amigos, tudo isto nos faz entender por que as comunidades cristãs reconhecem no Bispo um grande dom e são chamadas a nutrir uma comunhão sincera e profunda com ele, a partir dos presbíteros e dos diáconos. Não existe uma Igreja sadia se os fiéis, os diáconos e os presbíteros não estiverem unidos ao bispo. Uma Igreja não unida ao Bispo está doente. Jesus quis esta união de todos os fiéis com o Bispo, e também dos diáconos e dos presbíteros. E fazem-no conscientes de que é precisamente o Bispo que se torna visível no vínculo de cada Igreja com os Apóstolos e com todas as outras comunidades, unidas com os seus Bispos e o Papa na única Igreja do Senhor Jesus, que é a nossa Santa Mãe Igreja Hierárquica. Obrigado!

Quarta-feira, 12 de Novembro de 2014

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Na catequese precedente pusemos em evidência como o Senhor continua a apascentar a sua grei através do ministério dos bispos, coadjuvados pelos presbíteros e diáconos. É neles que Jesus se faz presente, no poder do seu Espírito, e continua a servir a Igreja alimentando nela a fé, a esperança e o testemunho da caridade. Portanto, estes ministérios constituem um grande dom do Senhor para cada comunidade cristã e para a Igreja inteira, pois são um sinal vivo da sua presença e amor.

Hoje queremos perguntar-nos: o que se pede a estes ministros da Igreja, para que possam viver o seu serviço de modo genuíno e fecundo?

Nas «Cartas pastorais» enviadas aos seus discípulos Timóteo e Tito, o apóstolo Paulo pondera atentamente sobre a figura dos bispos, dos presbíteros e dos diáconos — e também sobre a figura dos fiéis, dos idosos e dos jovens. Descreve cada cristão na Igreja, delineando o objecto da chamada dos bispos, presbíteros e diáconos, e as prerrogativas que devem ser reconhecidas em quantos são escolhidos e investidos de tais ministérios. Pois bem, é emblemático que para além dos dotes inerentes à fé e à vida espiritual — que não podem ser desatendidas, porque são a própria vida — sejam enumeradas algumas qualidades requintadamente humanas: acolhimento, sobriedade, paciência, mansidão, confiança e magnanimidade. Este é o alfabeto, a gramática básica de cada ministério! Deve ser a gramática básica de cada bispo, sacerdote, diácono. Sim, porque sem esta predisposição boa e genuína para encontrar, conhecer, dialogar, apreciar e relacionar-se com os irmãos de modo respeitoso e sincero, não é possível oferecer um serviço e um testemunho deveras jubilosos e credíveis.

Além disso, há uma atitude de fundo que Paulo recomenda aos seus discípulos e, por conseguinte, a todos aqueles que são investidos deste ministério pastoral, quer sejam bispos, sacerdotes, presbíteros ou diáconos. O apóstolo exorta a reavivar continuamente o dom recebido (cf. 1 Tm 4, 14; 2 Tm 1, 6). Isto significa que deve ser sempre viva a consciência de que não somos bispos, sacerdotes ou diáconos porque somos mais inteligentes, capazes, melhores que os outros, mas só em virtude de um dom, de uma dádiva de amor conferida por Deus no poder do seu Espírito, para o bem do seu povo. Esta consciência é deveras importante e constitui uma graça que devemos pedir cada dia! Com efeito, o Pastor consciente de que o seu ministério brota unicamente da misericórdia e do Coração de Deus, nunca poderá assumir uma atitude autoritária, como se todos estivessem aos seus pés, como se a comunidade fosse sua propriedade, seu reino pessoal.

A consciência de que tudo é dom, tudo é graça, ajuda o pastor também a não cair na tentação de se pôr no centro da atenção e de confiar só em si mesmo. São as tentações da vaidade, do orgulho, da suficiência, da soberba. Deus não permita que um bispo, um sacerdote ou um diácono pense que sabe tudo, que tem sempre a resposta certa para tudo e que não precisa de ninguém! Ao contrário, a consciência de ser o primeiro objecto da misericórdia e da compaixão de Deus deve levar o ministro da Igreja a ser sempre humilde e compreensivo em relação ao próximo. Embora tenha a consciência de ser chamado a preservar com coragem o depósito da fé (cf. 1 Tm 6, 20), ele deve pôr-se à escuta do povo. Com efeito, está consciente de ter sempre algo a aprender, inclusive daqueles que ainda podem estar longe da fé e da Igreja. Depois, com os seus irmãos de hábito tudo isto deve levar a assumir uma atitude nova, caracterizada pela partilha, co-responsabilidade e comunhão.

Caros amigos, devemos estar sempre gratos ao Senhor, porque na pessoa e no ministério dos bispos, dos sacerdotes e dos diáconos Ele continua a guiar e formar a sua Igreja, levando-a a crescer ao longo do caminho da santidade. Ao mesmo tempo, devemos continuar a rezar, para que os pastores das nossas comunidades possam ser imagens vivas da comunhão e do amor de Deus.

Quarta-feira, 19 de Novembro de 2014

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Um grande dom do Concílio Vaticano II foi ter recuperado uma visão de Igreja fundada na comunhão e ter voltado a entender também o princípio da autoridade e da hierarquia em tal perspectiva. Isto ajudou-nos a compreender melhor que, enquanto batizados, todos os cristãos têm igual dignidade diante do Senhor e são irmanados pela mesma vocação, que é a santidade (cf. Const. Lumen gentium, 39-42). Agora, interroguemo-nos: em que consiste esta vocação universal a sermos santos? E como a podemos realizar?

Antes de tudo, devemos ter bem presente que a santidade não é algo que nos propomos sozinhos, que nós obtemos com as nossas qualidades e capacidades. A santidade é um dom, é a dádiva que o Senhor Jesus nos oferece, quando nos toma consigo e nos reveste de Si mesmo, tornando-nos como Ele é. Na Carta aos Efésios, o apóstolo Paulo afirma que «Cristo amou a Igreja e se entregou por ela para a santificar» (Ef 5, 25-26). Eis que, verdadeiramente, a santidade é o rosto mais bonito da Igreja, o aspecto mais belo: é redescobrir-se em comunhão com Deus, na plenitude da sua vida e do seu amor. Então, compreende-se que a santidade não é uma prerrogativa só de alguns: é um dom oferecido a todos, sem excluir ninguém, e por isso constitui o cunho distintivo de cada cristão.

Tudo isto nos leva a compreender que, para ser santo, não é preciso ser bispo, sacerdote ou religioso: não, todos somos chamados a ser santos! Muitas vezes somos tentados a pensar que a santidade só está reservada àqueles que têm a possibilidade de se desapegar dos afazeres normais, para se dedicar exclusivamente à oração. Mas não é assim! Alguns pensam que a santidade é fechar os olhos e fazer cara de santinho! Não, a santidade não é isto! A santidade é algo maior, mais profundo, que Deus nos dá. Aliás, somos chamados a tornar-nos santos precisamente vivendo com amor e oferecendo o testemunho cristão nas ocupações diárias. E cada qual nas condições e situação de vida em que se encontra. Mas tu és consagrado, consagrada? Sê santo vivendo com alegria a tua entrega e o teu ministério. És casado? Sê santo amando e cuidando do teu marido, da tua esposa, como Cristo fez com a Igreja. És batizado solteiro? Sê santo cumprindo com honestidade e competência o teu trabalho e oferecendo o teu tempo ao serviço dos irmãos. «Mas padre, trabalho numa fábrica; trabalho como contabilista, sempre com os números, ali não se pode ser santo...». «Sim, pode! Podes ser santo lá onde trabalhas. É Deus quem te concede a graça de ser santo, comunicando-se a ti!». Sempre, em cada lugar, é possível ser santo, abrir-se a esta graça que age dentro de nós e nos leva à santidade. És pai, avô? Sê santo, ensinando com paixão aos filhos ou aos netos a conhecer e a seguir Jesus. E é necessária tanta paciência para isto, para ser um bom pai, um bom avô, uma boa mãe, uma boa avó; é necessária tanta paciência, e é nesta paciência que chega a santidade: exercendo a paciência! És catequista, educador, voluntário? Sê santo tornando-te sinal visível do amor de Deus e da sua presença ao nosso lado. Eis: cada condição de vida leva à santidade, sempre! Em casa, na rua, no trabalho, na igreja, naquele momento e na tua condição de vida foi aberto o caminho rumo à santidade. Não desanimeis de percorrer esta senda. É precisamente Deus quem nos dá a graça. O Senhor só pede isto: que permaneçamos em comunhão com Ele e ao serviço dos irmãos.

Nesta altura, cada um de nós pode fazer um breve exame de consciência, podemos fazê-lo agora, e cada qual responda dentro de si mesmo, em silêncio: como respondemos até agora ao apelo do Senhor à santidade? Desejo ser um pouco melhor, mais cristão, mais cristã? Este é o caminho da santidade. Quando o Senhor nos convida a ser santos, não nos chama para algo pesado, triste... Ao contrário! É o convite a partilhar a sua alegria, a viver e a oferecer com júbilo cada momento da nossa vida, levando-o a tornar-se ao mesmo tempo um dom de amor pelas pessoas que estão ao nosso lado. Se entendermos isto, tudo mudará, adquirindo um significado novo, bonito, um significado a começar pelas pequenas coisas de cada dia. Um exemplo. Uma senhora vai ao mercado para fazer as compras, encontra uma vizinha, começam a falar e então chegam as bisbilhotices, e a senhora diz: «Não, não falarei mal de ninguém!». Este é um passo rumo à santidade, ajuda-nos a ser santos! Depois, em casa, o filho pede para te falar das suas fantasias: «Oh, estou muito cansado, hoje trabalhei tanto...». «Mas acomoda-te e

ouve o teu filho que precisa disto!». Acomoda-te e ouve-o com paciência: é um passo rumo à santidade. Depois, acaba o dia, todos estamos cansados, mas há a oração. Recitemos uma prece: também este é um passo para a santidade. Então, chega o domingo e vamos à Missa, recebamos a Comunhão, às vezes precedida por uma boa confissão, que nos purifica um pouco! Este é outro passo rumo à santidade. Depois, pensemos em Nossa Senhora, tão boa e bela, e recitemos o Rosário. Também este é um passo para a santidade. Então, vou pelo caminho, vejo um pobre, um necessitado, paro, faço-lhe uma pergunta, dou-lhe algo: é um passo rumo à santidade! São pequenas coisas, mas muitos pequenos passos para a santidade. Cada passo rumo à santidade fará de nós pessoas melhores, livres do egoísmo e do fechamento em nós mesmos, abertos aos irmãos e às suas necessidades.

Caros amigos, a primeira Carta de São Pedro dirige-nos esta exortação: «Como bons dispensadores das diversas graças de Deus, cada um de vós ponha à disposição dos outros o dom que recebeu: a palavra, para anunciar as mensagens de Deus; um ministério, para o exercer com uma força divina, a fim de que em todas as coisas Deus seja glorificado por Jesus Cristo» (4, 10-11). Eis o convite à santidade! Aceitemo-lo com alegria e sustentemo-nos uns aos outros porque o caminho para a santidade não o percorremos sozinhos, cada qual por sua conta, mas juntos, no único corpo que é a Igreja, amada e santificada pelo Senhor Jesus Cristo. Vamos em frente com ânimo, neste caminho da santidade.

Quarta-feira, 26 de Novembro de 2014

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Este dia é um pouco feio, mas vós sois corajosos, parabéns! Esperemos que possamos rezar juntos hoje.

Ao apresentar a Igreja aos homens do nosso tempo, o Concílio Vaticano II estava perfeitamente consciente de uma verdade fundamental, que nunca podemos esquecer: a Igreja não é uma realidade estática, parada, com finalidade em si mesma, mas está continuamente a caminho na história, rumo à meta derradeira e maravilhosa, que é o Reino dos Céus, do qual a Igreja na terra é o germe e o início (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. sobre a Igreja Lumen gentium, 5). Quando dirigimos o nosso olhar para este horizonte, sentimos que a nossa imaginação se detém, revelando-se capaz unicamente de intuir o esplendor do mistério que excede os nossos sentidos. E em nós brotam espontaneamente algumas interrogações: quando terá lugar esta passagem final? Como será a nova dimensão na qual a Igreja entrará? Então, o que será da humanidade? E da criação que nos circunda? Mas estas perguntas não são novas, dado que já os discípulos as dirigiam a Jesus naquela época: «Mas quando acontecerá isto? Quando chegará o triunfo do Espírito sobre a criação, sobre as criaturas, sobre todas as coisas...». São interrogações humanas, perguntas antigas. Também nós as fazemos!

Perante estas perguntas que ressoam desde sempre no coração do homem, a Constituição conciliar Gaudium et spes afirma: «Ignoramos o tempo em que a terra e a humanidade atingirão a sua plenitude, e também não sabemos que transformação sofrerá o universo. Porque a figura deste mundo, deformada pelo pecado, passa certamente, mas Deus ensina-nos que se prepara uma nova habitação, uma nova terra, na qual reinará a justiça e cuja felicidade satisfará e superará todos os desejos de paz que se levantam no coração dos homens» (n. 39). Eis a meta para a qual a Igreja tende: é, como se diz na Bíblia, a «nova Jerusalém», o «Paraíso». Mais que de um lugar, trata-se de uma «condição» da alma em que as nossas expectativas mais profundas serão realizadas de modo superabundante e o nosso ser, como criaturas e como filhos de Deus, alcançará o seu pleno amadurecimento. Seremos finalmente revestidos da alegria, da paz e do amor de Deus, de maneira completa, já sem qualquer limite, e estaremos face a face com Ele! (cf. 1 Cor 13, 12). É bom pensar nisto, pensar no Céu! Todos nos encontraremos lá, todos. Isto é bom, revigora a alma!

Nesta perspectiva, é bom compreender que já existem uma continuidade e uma comunhão de fundo entre a Igreja que está no Céu e aquela ainda a caminho na terra. Com efeito, aqueles que já vivem na presença de Deus podem sustentar-nos e interceder por nós, rezar por nós. Por outro lado, também nós somos sempre convidados a oferecer boas obras, preces e a própria Eucaristia para aliviar a tribulação das almas que ainda se encontram à espera da Bem-Aventura sem fim. Sim, porque na perspectiva cristã a distinção não se faz mais entre quantos já estão mortos e aqueles que ainda vivem, entre quem está em Cristo e quem não se encontra n'Ele! Este é elemento determinante, verdadeiramente decisivo para a nossa salvação, para a nossa felicidade.

Ao mesmo tempo, a Sagrada Escritura ensina-nos que o cumprimento deste desígnio maravilhoso não pode deixar de abranger também tudo aquilo que nos circunda e que saiu do pensamento e do Coração de Deus. O apóstolo Paulo afirma-o de forma explícita, quando diz que «também ela (a criação, será) libertada do cativeiro da corrupção, para participar da gloriosa liberdade dos filhos de Deus» (Rm 8, 21). Outros textos utilizam a imagem do «novo céu» e da «nova terra» (cf. 2 Pd 3, 13; Ap 21, 1), no sentido que o universo inteiro será renovado e libertado de uma vez para sempre de todos os vestígios de mal e da própria morte. Por conseguinte, aquela que se prepara como cumprimento de uma transformação que na realidade já está em acção a partir da morte e ressurreição de Cristo, é uma nova criação; portanto, não se trata de aniquilar o cosmos e tudo o que nos circunda, mas de levar todas as coisas à sua plenitude de ser, de verdade e de beleza. Este é o desígnio que Deus Pai, Filho e Espírito Santo, desde sempre, deseja realizar e já está a concretizar.

Estimados amigos, quando pensamos nestas realidades maravilhosas que nos esperam, damo-nos conta de que pertencer à Igreja é verdadeiramente uma dádiva admirável, que traz inscrita em si uma vocação excelsa! Então peçamos à Virgem Maria, Mãe da Igreja, que vele sempre sobre o nosso caminho e que nos ajude a ser, como Ela, um jubiloso sinal de confiança e de esperança no meio dos nossos irmãos.